


Organização
MARISA DECAT DE MOURA



ONCOLOGIA

CLÍNICA DO LIMITE TERAPÊUTICO?

PSICANÁLISE & MEDICINA

 Artesã

APRESENTAÇÃO

Henrique Moraes Salvador Silva

É muito comum que profissionais da área da saúde se interessem, em alguma fase de sua existência, em deixar registrada a sua experiência por meio da divulgação de seu trabalho em artigos especializados, capítulos de livros, livros ou da participação em eventos, seja pela apresentação de temas livres e contribuições aos temas oficiais, seja na coordenação de seminários, simpósios e congressos.

O que se destaca e impressiona na trajetória da equipe de Psicologia e Psicanálise do Hospital Mater Dei é a sua capacidade de, permanente e constantemente, ao longo de décadas de existência e de ininterrupta atuação, saber conciliar uma atividade assistencial brilhante, com uma sistemática e contínua produção científica.

Desta vez não é diferente. Ao abordar neste livro temas difíceis, polêmicos e que tangenciam questões éticas e fundamentais da prática assistencial e hospitalar no Serviço de Oncologia e situações críticas vivenciadas por uma equipe de saúde de um hospital geral, este grupo de profissionais contribui, definitivamente, para uma melhor compreensão das relações humanas e dos dilemas vivenciados no atendimento aos pacientes.

A seleção dos assuntos, a experiência e comprometimento dos autores dos diversos capítulos com os respectivos temas e a oportunidade da edição de um livro com tal abrangência reunindo profissionais de vários estados do Brasil, já garantem o seu sucesso.

Certamente, um dos segredos da equipe de Psicologia e psicanálise do Hospital Mater Dei é a forma de liderança e a perseverança de sempre se manter o foco, acreditando no projeto do hospital. É importante ressaltar a grande capacidade de mobilização do grupo em torno da crença de que, no campo das relações humanas, é preciso estar sempre em movimento e atendo às transformações que ocorrem dentro de nós e em nosso entorno.

Só assim conseguiremos exercer a nossa profissão, oferecendo aos nossos pacientes e às suas famílias a melhor ciência técnica e, principalmente, o carinho, a humanização e o acolhimento de que necessitam.

*Presidente do Hospital Mater Dei
Professor Livre docente de Ginecologia
Coordenador do Serviço de Mastologia do Hospital Mater Dei*

PREFÁCIO

Jeferson Machado Pinto

I – Os aforismos lacanianos como recurso de enunciação para mostrar o impossível de dizer

Lacan foi um mestre do aforismo. Por meio deles, propunha a todos os interessados na constituição da subjetividade frases enigmáticas, mas que se mostraram chaves de leitura para labirintos teóricos da própria psicanálise e de seus campos conexos. Por isso, vamos utilizar alguns de seus aforismos para tentar esclarecer a proposta de interdisciplinaridade possível, especialmente entre Medicina e Psicanálise. Consideramos o tema de importância impar, dada a clivagem entre o avanço da ciência, de qual a Medicina se beneficia, e a compreensão que nós, os sujeitos da ciência, podemos alcançar desses avanços. Certamente, esse parece ser um dos motivos da angústia e do desamparo dos sujeitos na contemporaneidade, o que poderia se tornar um campo fértil para a proliferação das soluções místicas.

Lacan sabia contrapor diferentes discursos e o saber por eles produzidos, estabelecendo os limites e alcances de cada um deles a partir do modo como cada discurso se organiza em torno da ideia de real. Embora Lacan tenha sempre utilizado os registros RSI, isto é, o real, o simbólico e o imaginário, para dar conta de qualquer experiência humana, eles foram sendo, ao longo de seu ensino, definidos de um modo cada vez mais preciso. De maneira simplificada, podemos dizer que o real se refere a um impasse em qualquer formalização, seja ela teórica ou clínica, ou seja, ele se revela como furo lógico de um determinado saber, como um pouco irreduzível à operação simbólica daquele discurso. Lacan chegou a essa ideia ao verificar, a partir da teoria de Freud e do trabalho de elaboração dos analisantes, que a linguagem não recobre todo o campo que ela pretende abarcar, seja na constituição do sujeito, em ciência e mesmo na religião, já que a última se sustenta na ideia de Deus como elemento extralinguístico.

II – A máquina simbólica e seu furo

Lacan cunhou frases que se tronaram célebres e o inconsciente é estruturado como linguagem é uma delas. Este enunciado formaliza as ideias de Freud e demonstra que o sujeito se constitui por meio da ação simbólica do Outro. Por isso, o Outro designa as normas culturais, a rede civilizatória e, principalmente, os ideais paternos que acolhem a cada um de nós mesmo antes do nascimento, e que se transmitem pela linguagem, às vezes até de forma anônima. Toda ação humana é, então, simbólica, permeada de significados que cada um atribui ao ténar analisar os desejos das gerações anteriores que determinaram nossa subjetividade. Quer dizer, somos

constituídos pela linguagem comum, a que se fala ordinariamente, pois é por meio dela que se condensam os valores e é por ela que eles são transmitidos. Como essa linguagem é abstrata, uma vez que seu referente concreto é o conjunto aberto de todos os significantes, cada sujeito cria seu código particular ao interpretar as palavras que lhe são dirigidas. Assim, apesar dos valores de uma cultura serem mais ou menos universais, cada sujeito é único e carrega um modo de gozo singular, inerente à sua maneira de estabelecer relações com a realidade. Além de cada um construir um código único de interpretação do mundo, a operação simbólica, no caso da subjetividade, comporta, também, certa desordem caracterizada pelos efeitos no corpo, não completamente ordenados pelas leis da linguagem.

Freud denominou aqueles efeitos que penetram nos furos de linguagem de pulsionais e mostrou como eles gravitam em torno da porção articulada da subjetividade. Parte deles permanecem separados e, mesmo sem a determinação legislada pela linguagem, exercem efeitos no modo como cada sujeito se relaciona com a realidade. Por isso, essas manifestações foram batizadas por Freud de pulsão de morte em oposição às pulsões sexuais que articulam o desejo. Eles se revelam como contingências, como irrupções naquilo que está estruturado a partir das leis do funcionamento simbólico e podem se tornar, também em função de contingências, fontes possíveis de invenção de saídas diferentes daquelas que determinam o inconsciente do sujeito.

Lacan pode, então, esclarecer que a lógica da linguagem permeava não apenas qualquer atividade humana, mas, também, a própria subjetividade reinante em cada momento particular de determinada cultura. No caso da constituição de um sujeito, a psicanálise mostra que o simbólico desnaturaliza o instinto, transformando-o em desejo e tornando o corpo imerso no gozo do outro. Consequentemente, a operação simbólica corta o caminho natural de acesso ao outro sexo. Daí depreende-se outro famoso aforismo lacaniano, o de que não existe relação sexual. O que implica aceitar que o objeto do desejo é sempre simbólico e que a forma de gozo com a qual o corpo se presentifica nos laços sociais é um amálgama de elementos biológicos atravessados pela ação simbólica que cada cultura transmite a seus sujeitos.

O corpo é, então, a sede de pulsões singulares que funcionam a partir da ação do semelhante que o convoca e o inclui nos laços sociais pela fala que veicula o gozo com a criança recém-nascida. Freud demonstrou, com ousadia, como o elemento libidinal faz parte das relações sociais e como cada sujeito extrai um gozo em seus encontros com o outro. A conclusão lacaniana, sintética e precisa, a partir dos achados de Freud, é que o corpo foi feito para gozar. Não é sem razão que a angústia irrompe quando algo do corpo não vai bem.

III – O que se pretende curar?

Como dissemos acima, Lacan colocou em relevo que a rede simbólica não organiza tudo por onde ela incide, impondo um furo que resiste a se transformar em desejos e

que ele chamou de real. Como se trata de um impossível a ser esclarecido, Lacan adotou uma dialética negativa e pôde esclarecer a peculiaridade da psicanálise e seu modo de colocar questões para outros campos de saber. Ao se ancorar no real e provocar os discursos sobre a subjetividade, Lacan revelou os impasses do saber, a impotência e a impossibilidade de qualquer discurso em apreender a causa real do desejo. Seu método de contraposição acabou por mostrar que a clínica psicanalítica, por seu objeto, sua formulação epistêmica e sua ética, poderia problematizar verdades tidas como acabadas na Filosofia e na Medicina, por exemplo. O real, como ponto não dominado de qualquer estrutura simbólica e que, conseqüentemente, não a deixa funcionar em perdas, sempre retorna como furo e instala a repetição como movimento contínuo. Com mais uma de suas frases, Lacan disse que a vida não quer curar, o modo de gozo insiste em persistir, mas dos sujeitos podemos ouvi-los, pois têm a linguagem, e fazê-los responsáveis por aquele modo de vida. Muito dessa forma particular de viver pode ser modificada em análise a partir daquilo que se manifesta como desordem, mas sempre restará algo incurável e que definirá o que podemos simplificarmente chamar de ser de um sujeito particular.

No entanto a difícil demonstração dos efeitos subjetivos de uma experiência psicanalítica não foi obstáculo para Lacan torná-la referência para a análise crítica da Ética, da epistemologia e da Religião. O eixo de toda a atividade humana gira, é claro, em torno do sujeito e do que ele consegue fazer com os impossíveis a serem apreendidos, mas ele o faz a partir da janela psíquica por onde enxerga e decodifica a realidade, ou seja, ele adota como referente para entender o mundo aquilo que interessa ao seu real modo de gozo. Isso é obviamente evidente no caso específico do fazer científico, no qual os sujeitos cientistas gozam com o reconhecimento dos pares, com o volume de trabalhos publicados, com a amargura da falta de verba, com conquista de uma técnica padronizada, com o poder adquirido dentro da comunidade científica etc. Porém nada disso aparece nos resultados obtidos, e o discurso é completamente objetivo, relatado em uma língua artificial construída para que não haja possibilidade de equívocos em seus enunciados.

Por isso, outro de seus famosos aforismos é o de que a ciência só progride pela exclusão do sujeito. Embora seja uma atividade feita por sujeitos, sua presença no discurso da ciência se revela exatamente por sua ausência. O saber produzido pela ciência deve prescindir de qualquer presença subjetiva. Por isso, o regime de produção de saber em ciência é feito a partir de uma linguagem construída artificialmente, evidente em si mesma, de modo a não permitir a querela das interpretações oriunda da infinidade de códigos criados pelos sujeitos particulares. O que se vê nessa língua artificial da ciência é a ausência do sujeito com a linguagem que o constituiu, pois ele fala a língua comum do cotidiano, eivada da polissemia inerente às palavras que tentam realizar uma comunicação. A partir daí, da língua ordinária da vida comum, surgem, como dissemos, os mal-entendidos, a interpretação e as eternas discussões entre os envolvidos na tentativa de esclarecer os impasses, sejam os da teorias ou os das relações interpessoais.

Ma este discurso regido por equações, fórmulas etc., por eliminar o sujeito, progride sem nenhuma restrição. Um dado pede outro, uma pesquisa demanda outra, e assim por diante. Não há critério ético intrínseco ao fazer científico, exatamente por contar com a exclusão de quem pode fazer objeções a seu andamento. Assim, a ciência anda, caminha sem pedir licença. Mas o sujeito foracluído do discurso sempre retorna nas discussões da sociedade, ou, por exemplo, nos comitês de éticas orientados pelas tradições da cultura.

Os desejos e ideais subjetivos, originados pela imersão na língua que carrega valores da cultura, são questionados pela impessoalidade científica. A ciência destrói as ilusões, e esse é mesmo o seu papel, e desloca, em maiores ou menores sobressaltos, os modos que um sujeito dispõe de se orientar no mundo na medida em que gera impactos na cultura. Daí seus grandes conflitos com a religião e até com a psicanálise, acusada frequentemente de não ser uma ciência. Porém, diferentemente da religião, a psicanálise também desloca as ilusões sobre o que é o humano, mas ela recupera o sujeito eliminado pela estrutura discursiva da ciência.

Os impactos da ciência na cultura são marcantes, mas trazem consigo perturbações, efeitos colaterais de seus avanços. O grande retorno das demandas de espiritualidade e a proliferação religiosa não seriam indicativos de uma época na qual os sujeitos têm seus desejos singulares sequestrados pelos ideais de um domínio científico sobre a natureza, incluindo aqui a subjetividade? Não estaríamos vivendo uma época na qual os corpos devem ser disciplinados, onde um saber exterior ao sujeito quer lhe dizer como ele deve ser, como deve viver, o que ele deve desejar, como gozar a vida?

Diferentemente da Medicina e demais práticas da saúde associadas, e também da psicanálise, a Religião “foi feita para curar os homens, isto é, para que não percebam o que não funciona” (Lacan, 1974, p. 158). Esta pode até ser uma forma encontrada pelos sujeitos para lidar com a dor da perda das ilusões, com o deslocamento narcísico imposto pelo que Freud chamou de castração. O analista não pode ter ilusões de cura que movem os sujeitos em demanda de análise. Não cabe a ele ser o guardião do que é bom para o sujeito e substituir os ideais que escravizam os sujeitos por outros propostos pela psicanálise. Daria no mesmo. Esses são os que devem encontrar seus limites e suas próprias soluções para os impasses em viver. Lacan diz em o Triunfo da Religião (Lacan, 1974) que não cabe à psicanálise dominar o Real, como a religião pretende, mas sim deslocar seu lugar de impasse para o lugar de causa de desejo. Se a psicanálise conseguir dominar o real, passaremos a ter uma sociedade onde os sujeitos serão controlados por um saber que lhes é exterior. Alguém, ou alguma instituição ditará qual o objeto a ser desejado, como a publicidade e a necessidade de consumo pretendem. Assim, a religião pode triunfar ao oferecer uma alternativa pronta para o furo da estrutura simbólica, onde a psicanálise fracassa. Esta apenas propicia ao sujeito o trabalho de transformar as forças pulsionais que sustentam seus sintomas e faz com que o sujeito se responsabilize pela solução escolhida para lidar com seu sofrimento. Mas a via religiosa tem sido uma das grandes

alternativas que a cultura oferece à impossibilidade de um saber funcionar totalmente, embora cada sujeito possa encontrar sua maneira peculiar de professar sua fé.

IV – Um interdisciplinaridade em ato?

Por isso, consideramos de suma importância estudar o lugar do corpo e os limites que estabelece neste encontro Medicina e Psicanálise. A primeira recolhe os avanços científicos para aplicá-los em sua clínica; a segunda recolhe o sujeito foracluído no tratamento para lhe dar a voz que a primeira tem de eliminar. Nas prática médicas, o sujeito, mesmo sendo ouvido e humanamente considerado, deve emprestar seu corpo para a utilização de um saber que independe dele. O corpo simbólico e, portanto, erógeno, sede do gozo e dos desejos, o ego do sujeito, passas a ser objeto de **aplicação de vários saberes e/ou técnicas preestabelecidas**. Do diagnóstico ao final do tratamento, seja ele bem-sucedido ou não, o ego é questionado, destituído e objetalizado. E não há como ser diferente, o saber médico é assim por estrutura. Caso contrário, não funcionaria ou se complicaria, como vemos em muitas tentativas de “tornar o tratamento o mais natural possível”. Como vimos, o que a estrutura simbólica faz é desnaturalizar o corpo. O natural se tornou apenas um significante, pois não há como sair da linguagem e recriar a natureza. É ótimo que existam possibilidades de escolha para que cada sujeito possa fazer o tratamento da maneira que achar mais compatível com sua estrutura, mas como torná-lo responsável por sua escolha?

O real vem, assim, mostrar os pontos de fracasso de um discurso e os limites de seu funcionamento. Ao contrário do que imagina um pensamento mais artificial, são estas características que o credenciam como ponto de ancoragem para uma interdisciplinaridade. Por isso, o presente livro tenta indicar algumas surpresas e limites na clínica oncológica a partir do ponto de vista de profissionais de várias disciplinas conexas. A finitude, a surpresa do diagnóstico, o sofrimento durante o tratamento possível, a morte etc. são constatações contingentes que desestabilizam o sentido das estruturas simbólicas que nos organizam. O sujeito, nesses momentos, frequentemente, “cai” da cadeia simbólica que o sustenta, angustia-se e perde as referências de sentido. O real se manifesta, assim, pelas contingências que escapam do controle discursivo e impõe os limites de uma ação simbólica. E será sempre pela análise das contingências que uma prática pode ser aperfeiçoada.

É essencial ressaltar as diferenças, chacoalhar um discurso pelo outro, fazê-los trabalhar em constante fricção e recolher depoimentos desses encontros. Digo friccionar os discursos retomando o aforismo lacaniano já mencionado, o que mostra, talvez, o único princípio da psicanálise, qual seja, o de que não existe a relação sexual. Se cada sujeito é movido pelo seu modo particular de gozo, não há possibilidade de a ciência escrever a justa complementaridade de satisfação entre as pessoas. A satisfação fica sempre aquém ou além do que se espera e daquilo que o

outro pode fornecer. Não há possibilidade de completar o que falta, já que nossos objetos são criados e escolhidos pelo valor simbólico que a linguagem permite, e esse critério de referência é singular, é único e intransferível no nível real.

Cada discurso é, então, único, e não é possível acrescentar um ao outro para cobrir as respectivas falhas estruturais. Eles não são coexistentes. Cada um deles terá de se haver com o real que estabelece seu limite a seu modo. Por mais que a ciência persiga o domínio do real que lhe concerne e que consiga esquadrihar os corpos, coloca-los em imagens a cada dia mais precisas, identificar as substâncias que atuam entre as células etc., ele não conseguirá radiografar como cada sujeito singular vivencia situações e atividades diversas. É pela linguagem e pelas demandas que um sujeito faz, em estado de sofrimento, que ele pode verificar sua posição diante do real e se implicar no que está dizendo. A psicanálise prescinde de qualquer saber prévio àquele que o sujeito constrói a partir de seus sintomas. Será com o saber que toca a sua verdade que o sujeito pode localizar o que é intrinsecamente incurável, ou seja, o que o identifica para além de ilusões e ideais alheios ao que se mostra irreduzível em sua realidade. Assim, a psicanálise também trabalha pela queda das ilusões, mas de um modo inteiramente diferente da ciência.

O que tanto a ciência quanto a psicanálise, e até mesmo a filosofia, a religião e a literatura vêm demonstrando é que há algo do sujeito irreduzível em qualquer forma discursiva. Há um núcleo subjetivo cuja opacidade exige movimentos constantes de vários discursos que se deixam afetar por ela e se dispõem a transformações exigidas pelas mudanças dinâmicas do curso da civilização, O insondável de uma estrutura discursiva não é eliminável pelo ecletismo ou pelo reducionismo do objeto de um campo aos achados de outro. Os saberes não se complementam de modo a fazer um Todo unificado do conhecimento. Como ressaltou Lacan, em sua palestra aos médicos, rigorosamente não se trata de psicossomática, por exemplo, mas de uma questão epistemo-somática! Ou como relata Andrea Guerra no texto “Princípios para um interdisciplinaridade em ato”, publicado na CIEN digital 2012,

Nenhuma interdisciplinaridade vai conseguir operar através de saberes que se complementam, como se um saber encontrasse no outro a parte que lhe falta. Os saberes são suplementares e não complementares entre si. Não formarão um conjunto fechado ou u todo.

Assim, os fabulosos achados da neurociência ou as grandes contribuições da psico-oncologia ou do cognitivismo, com suas técnicas específicas, por exemplo, são extremamente bem-vindos para diminuir o sofrimento cotidiano de muitos pacientes. Porém, o campo do sujeito é extraterritorial a qualquer um deles, inclusive ao da psicologia, ciência do comportamento. O saber universal dessas disciplinas preexistem a todo sujeito, que são importantes como referência, mas não substituem

o saber textual que um sujeito particular constrói e verifica o modo como ele estabelece sua verdade singular. A psicanálise é capaz de localizar um corpo que é vivido errância e desordem e visa responsabilizar o sujeito pela verdade que se descortina diante de suas enunciações. Nenhuma outra área da ciência, exatamente por ter que estruturalmente excluir o sujeito para que o conhecimento possa advir, e depois transformá-lo em objeto da técnica adquirida, substitui o modo singular de um sujeito enunciar suas angústias, aflições, temores, etc., diante da sexualidade e da morte. Por isso, cada análise é única, conduzida de modo particular a partir das falas de um sujeito que sofre de modo único.

Tendo em vista tais considerações, podemos ver que a perspectiva que a psicanálise entende como interdisciplinaridade é a de sustentar a incidência de um campo de saber sobre outro a partir dos furos inerentes a cada um. Não se trata de discussões intermináveis de conceitos oriundos de pressupostos epistemológicos distintos, nem de posturas reducionistas ou de eliminação de perspectivas diferentes.

A presença de um analista em um hospital geral exige mais que um consultório para atendimento clínico de doentes fragilizados. Muito mais que isso, o analista pode localizar os enigmas, as “desordens” discursivas que tiram a bússola dos diferentes profissionais que ali trabalham, por meio do ato que possibilita uma mudança de posição subjetiva dos envolvidos nos diferentes impasses. Chamamos de ato porque se trata de uma criação de momento, de uma solução não prevista e/ou estabelecida por um saber de referência. Um ato que possibilite suportar a angústia de agir em uma situação de incerteza, provocada pelo encontro com aquele furo dos protocolos estabelecidos para sustentar a garantia idealizada do funcionamento institucional. Será mais pelo suporte da angústia do que de qualquer saber que os profissionais envolvidos poderão implicar-se e encontrar soluções para os impasses e conflitos nas conduções dos tratamentos e das relações entre as diversas equipes de trabalho. Dessa maneira, a categoria do real implica um ato que convoca o sujeito a agir pela sua formação clínica e não pela irrealidade de uma conduta definida pela quantificação estatística. Cabe ao analista manter a sua presença e possibilitar, pelo ato, a alteração dos laços mecanicamente estabelecidos e sustentados de maneira alienada pelos sujeitos envolvidos em cada situação. Nada de holismo, ou de um saber totalizante porque ele será, na melhor das hipóteses, completamente fantasioso.